

## Portugal: quem tem medo da pandemia?

- Esta crise pandémica contribuiu para uma redução expressiva do emprego, mas inferior ao que sugeria a histórica contração económica.
- Ainda assim, os mais vulneráveis foram novamente os mais atingidos no mercado de trabalho.

A COVID-19 está na origem de uma crise económica muito grave. Como nas anteriores crises económicas, existe o risco de que esta agrave as disparidades pré-existentes. Nesse sentido, a avaliação do impacto desta crise no mercado de trabalho é fundamental.

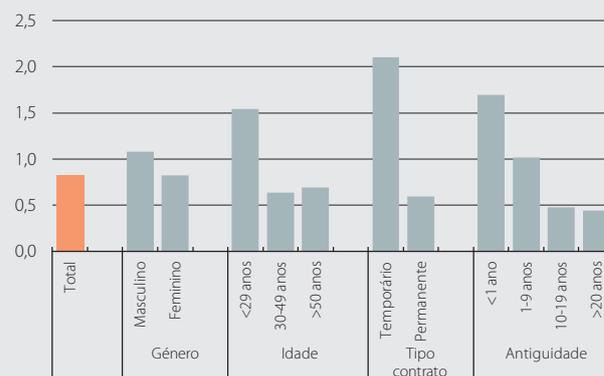
Em momentos de crise, quando a atividade económica colapsa, isso tem um impacto negativo no mercado de trabalho. Em Portugal, o ajustamento no emprego tem sido historicamente feito através de uma significativa destruição de postos de trabalho; por exemplo, na crise das dívidas soberanas, o PIB contraiu 2,2% em média, enquanto o emprego caiu 3,3%. Mas, na crise atual, a sensibilidade do emprego à variação do PIB foi muito menor: a queda do PIB (-7,6%) foi acompanhada por uma descida muito menor do emprego (-2,0%)<sup>1</sup>. Por outras palavras, por cada ponto percentual de queda da atividade, o emprego caiu 0,26 pontos em 2020 (ou seja, cerca de 13.000 postos de trabalho). Este resultado não só se deve às particularidades desta crise, com origem sanitária e não económica, mas também a uma resposta muito diferente por parte das autoridades, especialmente através das medidas de apoio ao emprego, como o *layoff* simplificado<sup>2</sup>.

Por outro lado, a reação mais favorável do emprego nesta crise esconde diferenças entre sectores económicos, grupos etários, tipo de contratos, antiguidade na empresa, níveis de escolaridade ou tipo de profissão. O que aconteceu aos grupos mais vulneráveis? Esta crise afetou-os mais do que aos outros?

Tipicamente, a sensibilidade do emprego face à atividade económica é maior no caso dos jovens, dos indivíduos com contratos temporários<sup>3</sup> e dos indivíduos com menor antiguidade nas empresas. Em particular, como mostra o primeiro gráfico, nestes três grupos a reação do emprego à atividade económica é significativa, inclusivamente em maior medida: nos indivíduos com menos de 29 anos, com contratos temporários e antiguidade inferior a um ano, o emprego reagiu historicamente em 1,5, 2,1 e 1,7 pontos, respetivamente, por cada variação percentual do PIB.

O que aconteceu nesta crise? Como é possível ver pelo segundo gráfico, em termos relativos, a queda do em-

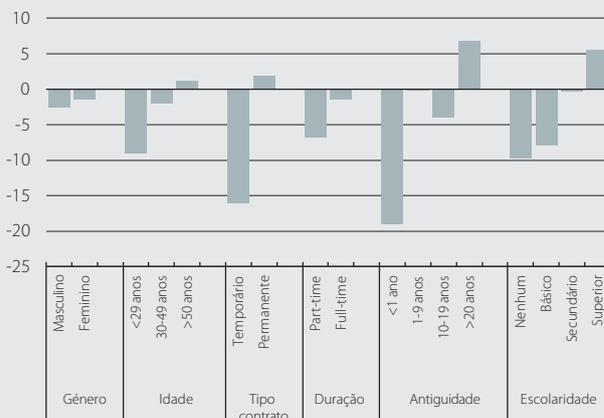
**Portugal: relação entre o crescimento do emprego relativamente ao PIB, por tipologia\***  
Variação em p.p. em resposta a 1 p.p. adicional de crescimento do PIB



**Nota:** \*Estimação feita para o período entre 1999 e 2019.  
**Fonte:** BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

## Portugal: variação do emprego em 2020 face a 2019

Taxa de variação anual (%)



**Fonte:** BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

prego foi mais expressiva nos jovens, homens, com contratos temporários e com menor antiguidade na empresa<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo, o emprego caiu em todos os níveis de escolaridade, exceto no grupo de indivíduos com o ensino superior completo, em parte possivelmente associado a profissões com maior potencial de teletra-

1. Os dados do emprego incluem os indivíduos em regimes de *layoff*.  
2. Para mais informações, ver focus «O mercado de trabalho português em tempos de pandemia», no IM09/2020.  
3. Inclui contratos a prazo e prestação de serviços.

4. No caso dos contratos temporários, a redução de 137.000 postos de trabalho contrasta com o aumento de 62.300 de contratos permanentes. A redução do emprego temporário foi especialmente relevante no sector dos serviços (-90.000).

balho<sup>5</sup>. De facto, se analisarmos a desagregação da população empregada por tipo de profissão<sup>6</sup>, verifica-se que houve um aumento apenas no grupo dos Especialistas das atividades intelectuais e científicas<sup>7</sup>.

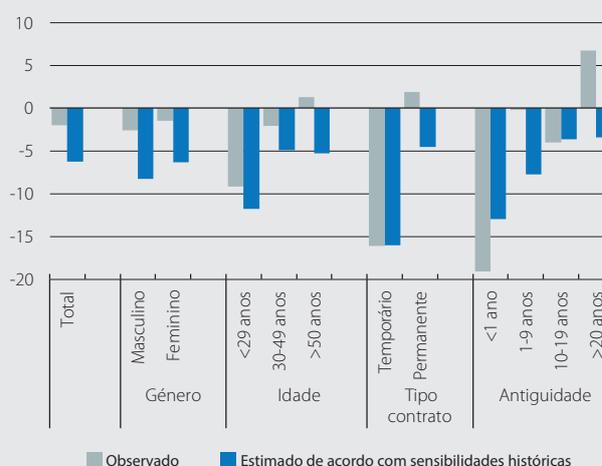
Em termos sectoriais, e como seria de esperar, registou-se maior destruição de postos de trabalho nos sectores mais afetados pela pandemia e pelas medidas de distanciamento social, ou seja, comércio, alojamento & restauração e atividades administrativas & serviços de apoio. Estes são também os sectores com maior prevalência de salários baixos e de trabalhadores com piores qualificações<sup>8</sup>. Por outro lado, houve sectores onde se verificou o oposto, como as atividades de informação e de comunicação e as atividades de consultoria, científicas, técnicas & similares, sectores onde a capacidade de teletrabalho é maior e onde o impacto da pandemia foi menor.

Estes dados apontam para um desigual impacto da COVID-19 no mercado de trabalho. Ainda assim, o impacto da pandemia nos grupos populacionais mais afetados poderia ter sido pior se não fosse a implementação das medidas de apoio ao emprego. Como se pode ver no terceiro gráfico, se aplicarmos a sensibilidade histórica do emprego à atividade económica, poderíamos ter assistido a uma queda do emprego superior a 6% (ou seja, uma destruição de mais de 307.000 postos de trabalho em vez dos 99.000 observados) e a queda do emprego jovem poderia ter atingido os 12%. Por outro lado, o ajustamento do emprego no caso dos contratos temporários foi em linha com o histórico e o emprego dos indivíduos com menor antiguidade foi superior ao que sugeria a relação histórica entre emprego e PIB, um sinal de que estes foram particularmente afetados com esta crise pandémica.

Num artigo recente, concluímos que as medidas de política económica e social permitiram atenuar o efeito da pandemia no rendimento disponível das famílias<sup>9</sup>. Neste artigo, a mensagem é semelhante: os efeitos da pandemia foram desiguais e afetaram os mais vulneráveis, mas, ainda assim, no geral, o impacto foi menor do que a queda da atividade poderia implicar no emprego. Os sistemas de proteção atuais, mais favoráveis, e a forma como as autoridades se comportaram desta vez face a choques negativos ou crises anteriores poderão ter limitado o agravamento das desigualdades. Apesar disso, não

### Portugal: queda do emprego por tipologia de acordo com a sensibilidade histórica face ao PIB

Taxa de variação anual (%)



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

podemos descartar que a COVID-19, tal como outras crises, irá agravar os níveis de pobreza e desigualdade de rendimento em Portugal. Evitar isso será um desafio fundamental para a recuperação.

5. Estima-se que apenas 8% dos indivíduos com nível de escolaridade até ao 3º ciclo ficaram em teletrabalho em março 2020. Ver Peralta, S., Carvalho, B. P. e Esteves, M.. (2020) «Portugal, Balanço Social 2020».

6. De acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões.

7. Inclui, por exemplo, matemáticos, médicos, professores, contabilistas e advogados.

8. Ver fonte da nota de rodapé 5.

9. Para mais informações, ver focus «Rendimento disponível em Portugal: comportamento benigno numa crise histórica», no IM02/2021.